



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

The hoarding of formative circumstances: decoloniality in the virtual scenarios of teaching practice in Pedagogical Residency

Bruno de Araujo Conceição¹

Resumo: Este artigo busca inter-relacionar o processo formativo do Programa de Residência Pedagógica da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus/DEDC-I, no subprojeto de Sociologia - Formação Docente, Interculturalidade e Perspectiva Decolonial - com a experiência da prática docente em cenário virtual síncrono da Educação Básica em turmas de 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Thales de Azevedo, em Salvador-BA, na circunstância pandêmica. O objetivo fulcral deste trabalho é refletir sobre o Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia, disponibilizado pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia enquanto recurso pedagógico norteador do ano letivo 2020/2021, suas possibilidades e limitações na experiência da prática docente, em perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Formação decolonial. Prática docente. Colonialidade. Residência Pedagógica.

Abstract: This article seeks to interrelate the formative process of the Pedagogical Residency Program at the State University of Bahia (UNEB), Campus/DEDC-I, in the subproject of Sociology - Teacher Training, Interculturality and Decolonial Perspective - with the experience of teaching practice in a synchronous virtual scenario of Basic Education in a 3rd year high school class at Colégio Estadual Thales de Azevedo, in Salvador-BA, in the pandemic circumstance. The main objective of this work is to reflect on the Sociology Learning Support Notebook, made available by the Bahia State Department of Education as a guiding pedagogical resource for the 2020/2021 school year, its possibilities and limitations in the experience of teaching practice, in a decolonial perspective.

Keywords: Decolonial formation. Teaching practice. Coloniality. Pedagogical Residence.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. ORCID: [0009-0002-4555-9791](https://orcid.org/0009-0002-4555-9791). E-mail: brunovivaz@hotmail.com.



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

Introdução

A construção da prática docente propiciada no Programa de Residência Pedagógica situou-se através dos delineamentos necessários para a projeção dos(as) residentes ao cenário formativo do fazer docente, promovendo um percurso de inter-relação entre a Universidade e a Escola, possibilitando experiências formativas em *lócus* virtual e, esporadicamente, em momentos presenciais no cotidiano docente das unidades escolares da Educação Básica. Nesse sentido, o subprojeto de Sociologia – Formação Docente, Interculturalidade e Perspectiva Decolonial – do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado da Bahia (Campus/DEDC-I), buscou afluir a inserção dos licenciandos(as) em Ciências Sociais no âmbito das atividades do cotidiano docente de escolas parceiras, na Educação Básica, fomentando práticas formativas para contribuir na construção da identidade docente dos residentes, através da referencialidade formativa de centralidade do subprojeto.

O cenário construído pela intermitência pandêmica proporcionou no âmbito educacional novas camadas de interações formativas, onde os sujeitos da aprendizagem e os docentes, buscaram caminhos profícuos para tornar possível a relação ensino-aprendizagem mediada por recursos tecnológicos de interação virtual, em dinâmicas de construção do conhecimento em sincronidades e assincronicidades, em circunstâncias remotas. Esse cenário novo, experimental e de desafios da prática docente transcorreu de forma longeva a perspectiva formativa das atividades desenvolvidas no decurso do supracitado subprojeto de Sociologia, ocorridas com início em novembro de 2020 e findando em abril de 2022, perspectiva cronológica delineada sob vigência do cenário pandêmico da covid-19 e suas medidas restritivas acerca das interações sociais também determinadas ao âmbito educacional.

A circunstancialidade formativa experienciada no subprojeto de Sociologia, em detrimento do cenário pandêmico, situou o Programa de Residência Pedagógica da Universidade do Estado da Bahia, no intuito de consolidação objetiva de suas atividades, na perspectiva de interação virtual desenvolvida em plataformas digitais, sobretudo, a



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

plataforma *Microsoft Teams*² e suas ferramentas de comunicação por intermédio de videoconferência e recursos de armazenamento de conteúdos formativos compartilháveis (livros, artigos, documentos norteadores das concepções pedagógicas e planejamentos das escolas parceiras) de acessibilidade aberta entre os sujeitos da experiência formativa no subprojeto.

Em sentido de interação com as escolas da Educação Básica, o subprojeto atuou em três escolas parceiras na cidade de Salvador-BA, sendo elas: Colégio Estadual Thales de Azevedo, Colégio Estadual Governador Roberto Santos e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Essas três unidades escolares corresponderam ao cenário de ambientação virtual de experiência da prática docente de 24 bolsistas distribuídos(as) em núcleos nas mencionadas escolas parceiras.

Moraes (2010), ao refletir o ensino de Sociologia no Ensino Médio, preconiza a materialidade paradoxal dos livros didáticos de Sociologia. O tocante paradoxal mencionado pelo autor é referente ao caráter de intermitência que a Sociologia está fadada no currículo do Ensino Médio, diferentemente da consolidação da Sociologia em nível superior de ensino. Nesse sentido, conforme o autor, os livros didáticos de Sociologia, produzidos em várias edições, não são submetidos a um processo de crítica especializada, sendo utilizados de maneira acrítica. Segundo o autor, em detrimento da “proletização” governamental dos docentes, a articulação da prática docente ao âmbito da pesquisa é limitada, o que torna longa a possibilidade de consolidação de programas avaliativos do livro didático de Sociologia da Educação Básica. O autor afirma que, as pesquisas desenvolvidas em perspectiva crítica e avaliativa do livro didático de Sociologia, permanecem restritas à dimensão acadêmica.

Por essa circunstância de insuficiência no escopo analítico correlacional acerca da materialidade educacional formativa (a produção documental-pedagógica), torna-se premente a inter-relação entre a prática docente e a pesquisa, no que concerne à especificidade analítica do uso dos recursos pedagógicos, em particular o livro didático

² A dinâmica de interação formativa em cenário virtual, as ferramentas digitais, funcionalidades virtuais fornecidas pelo aplicativo e seus objetivos encontram-se - Disponível em: [Microsoft](https://www.microsoft.com/pt-br/teams).



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

ou, como proposição objetiva de análise fulcral deste artigo: o Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia.

Ao distinguir colonialismo e colonialidade, Maldonado-Torres (2007) afirma que esta última não é uma simples relação de poder estabelecida entre o colonizador e o colonizado. A relação que orienta tal perspectiva pode ser compreendida como um sistema de complexificação e de delineamento da perenidade hegemônica de um sistema de racionalidade e de dominação perpetrados contra os sujeitos subjugados sob os seus desígnios classificativos. Portanto, ao instituir uma perspectiva de racionalidade, em confluência afirmativa com o autor, a colonialidade, determina as dimensões do conhecimento e da intersubjetividade, estando presente na produção dos manuais de aprendizagem, na sistematização dos requisitos da produção acadêmica e na perspectiva cultural.

Nesse sentido, considerando o Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia um manual de aprendizagem, um recurso pedagógico da dimensão ensino-aprendizagem, pretende-se neste artigo abordar a experiência formativa do fazer docente no Colégio Estadual Thales de Azevedo, tendo como objetivo fulcral refletir sobre o Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia, disponibilizado pela Secretaria de Educação da Bahia enquanto recurso pedagógico norteador do ano letivo contínuo 2020/2021³, tecendo reflexões quanto suas possibilidades e limitações na experiência formativa da prática docente, em ênfase decolonial, nos cenários formativos e de atuação virtual da Residência Pedagógica, no Colégio Estadual Thales de Azevedo, em turmas do 3º do Ensino Médio.

³ Em detrimento da intermitência pandêmica da Covid-19, que provocou a suspensão das aulas nas unidades de ensino na Bahia no ano de 2020, a Secretaria da Educação do Estado da Bahia, por intermédio da Portaria Nº 637/2021, estabeleceu que seriam cursadas duas séries escolares no ano de 2021. Essa perspectiva de ano contínuo 2020/2021 foi desenvolvida através de um esquema de reorganização das atividades letivas de acordo com o cumprimento da carga horária mínima determinada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96).



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

Na presente abordagem, as camadas analíticas que estruturam este artigo, são engendradas pela inter-relação entre o arcabouço formativo decolonial das atividades desenvolvidas no subprojeto e as atividades do fazer docente da supracitada escola parceira, sendo elas: planejamento pedagógico, observação participante e regências supervisionadas em turmas do 3º ano do Ensino Médio.

O Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia enquanto recurso pedagógico alternativo

Elaborados e disponibilizados pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, os Cadernos de Apoio à Aprendizagem, são recursos pedagógicos desenvolvidos para o norteamento do eixo temático de cada respectiva unidade letiva no cenário remoto de ensino-aprendizagem. Os eixos temáticos estão postos na condição de proposição para orientar a elaboração do plano de ensino dos professores em cada unidade letiva. Os Cadernos de Apoio à Aprendizagem foram elaborados no sentido alternativo/suporte adicional das ações pedagógicas de direcionamento da prática docente, não sendo um material de finalidade restritiva a ser estritamente seguido como condicionante de um material pedagógico instituído pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia para o desenvolvimento da prática docente no contexto da dimensão virtual de ensino-aprendizagem.

Formulados na expectativa primordial de fornecer caminhos pedagógicos alternativos ao cenário virtual de experiência educacional, no contexto desafiador sob intermitência pandêmica da Covid-19, os Cadernos de Apoio à Aprendizagem foram disponibilizados de forma gradual (no decurso precedente de cada unidade letiva) no site da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, e encontram-se elencados classificativamente por unidades letivas, áreas do conhecimento, etapas da Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e contemplando a modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Na perspectiva de aprendizagem para os estudantes, os Cadernos de Apoio à Aprendizagem, estão estruturados em trilhas formativas, onde são distribuídos os



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

objetos do conhecimento e suas respectivas temáticas correlatas a centralidade da unidade letiva do material pedagógico.

Nas trilhas formativas são trabalhadas subtemáticas referente ao objeto do conhecimento explicitado, são feitas perguntas geradoras preambulares que objetivam contextualizar os estudantes acerca das inter-relações que serão feitas nas trilhas de aprendizagens. Ao longo do percurso formativo são sugeridas atividades discursivas a partir de questões que envolvem a centralidade da temática abordada. Ao final de cada trilha, é sugerido aos estudantes uma atividade discursiva de autoavaliação da aprendizagem com três perguntas elencadas que propõem ponderações acerca da disponibilização de tempo destinado para estudo e resolução das atividades situadas na trilha.

Nesse questionário autoavaliativo também é explorada a pertinência contextual para os estudantes do conhecimento adquirido nas atividades, ou seja: é uma perspectiva de autoavaliação que tenta propor uma interação contextual da dimensão formativa sociocultural. As atividades propostas em cada trilha de aprendizagem, na condição de experiência formativa, devem referenciar os discentes no “diário de bordo” (caderno de escrita-formativa) sugerido para ser desenvolvido pelos estudantes como exercício de registro descritivo e de sistematização da experiência formativa individual.

Enquanto material pedagógico alternativo para os professores, os Cadernos de Apoio à Aprendizagem, foram desenvolvidos em trilhas correspondentes a sequências didáticas que, ao critério de cada docente, poderiam ser seguidas ou não, sendo flexíveis a ajustes que melhor direcionassem a uma abordagem contextual e dialógica na experiência da aprendizagem dos estudantes nas aulas virtuais. Neste sentido, o Caderno de Apoio à Aprendizagem pode ser compreendido como material pedagógico público de consulta/orientação (na perspectiva docente). Já na perspectiva dos estudantes pode ser compreendido como elemento formativo público de consulta autônoma/complementar em viabilidade virtual ou em material impresso disponibilizado nas unidades escolares como perspectiva de acompanhamento formativo circunstanciado ao protocolo pedagógico de ausência de acessibilidade à *internet* por parte dos estudantes.



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

Feita a descrição preambular da proposta e estruturação do Caderno de Apoio à Aprendizagem, apresentado enquanto recurso pedagógico alternativo e que não exige o uso do próprio livro didático de Sociologia, o primeiro movimento analítico que proponho é a reflexão dos roteiros formativos das trilhas de aprendizagens e suas abordagens temáticas desenvolvidas no Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia que direcionou o arcabouço analítico-documental deste artigo: Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia 2ª série, que corresponde a terceira unidade letiva do contínuo 2020/2021. Sendo este especificado material pedagógico o fulcral norteador do desenvolvimento de aulas, em regências supervisionadas consolidadas na residência pedagógica, ocorridas no Colégio Estadual Thales de Azevedo.

Um primeiro aspecto analítico deste Caderno de Apoio à Aprendizagem é o que versa no texto preambular, no seu caráter explicativo de propostas e objetivos, intitulado “Á Comunidade Escolar”. Nessa introdução é sugerido aos educadores (as) que formulem novos materiais pedagógicos, tendo como referência o Caderno de Apoio à Aprendizagem, para que seja alcançada a multiplicidade de contextos territoriais da Bahia. Dessa sugestão introdutória, é diáfano que, na condição de direcionamento alternativo, construído mediante a premência do retorno das atividades letivas, de forma virtual em virtude do cenário pandêmico, Os Cadernos de Apoio à Aprendizagem não são minimamente flexíveis a pensar a vicissitude cultural da dimensão escolar, não conduz uma elaboração a partir da perspectiva sociocultural dos estudantes mesmo na especificidade virtual/experimental do cenário pandêmico da relação ensino-aprendizagem. É preconcebido afirmar, no entanto, o índice produzido nesta apresentação introdutória, é de que a estrutura do Caderno de Apoio perpetua a homologação da unicidade.

O esvair da perspectiva alternativa da diversidade anunciada no Caderno de Apoio reitera a lógica instrumental do esquecimento que segundo Dayrell (1996) é responsável pela preconização do conhecimento como produto. Segundo o autor, a objetificação do conhecimento em sentido instrumental implica na homogeneização da aprendizagem. Nesse sentido, o autor sugere que a escola seja pensada em sentido



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

polissêmico, observando a dinâmica das relações sociais do cotidiano escolar sendo atravessadas pela dimensão sociocultural dos sujeitos que traduz a perspectiva heterogênea do cotidiano escolar e das possibilidades da aprendizagem.

“Esquecimento” ou obliteração das identidades dos sujeitos em decorrência da colonialidade no cenário escolar? Adentrando as camadas estruturais do Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia, correspondente a terceira unidade letiva, objeto de análise desse trabalho, observa-se o eixo temático proposto “Território e Fronteira”. Através desse respectivo eixo temático, na sua dimensão organizativa, estão distribuídos os objetos do conhecimento nas trilhas que compõem este Caderno de Apoio à Aprendizagem: “TRILHA 9” que tem por temática: “Fenômenos sociais relacionados a estratificação social e sua relação com a desigualdade”; “TRILHA 10” que tem por perspectiva temática “Mobilidade e Estratificação Social” e a “TRILHA 11” em que a temática versa sobre “Desigualdade social no Brasil”.

Em ambas as trilhas do respectivo Caderno de Apoio, acontece a obviedade do vazio. A perspectiva formativa que orienta o percurso das trilhas de aprendizagem expressa uma tendência conteudista, superficial e amplamente assimilativa. Na “TRILHA 9” o aspecto conceitual em relação a estratificação sociológica não dimensiona minimamente o conteúdo analítico que fundamenta a concepção de classes sociais em Karl Marx e em Max Weber. Propõe aos estudantes como atividade a construção de um quadro comparativo entre as concepções de classes sociais em ambos os autores sem fornecer ferramenta analítica suficiente acerca da dimensão conceitual destes autores que propicie a realização da atividade proposta.

Nessa mesma confluência da obviedade do vazio, ainda na “TRILHA 9”, ao abordar a temática da desigualdade racial, é tangenciado o conceito do racismo estrutural de maneira indefinida, o que condiciona a abordagem do conceito em sentido impreciso e justificativo do caráter operacional do fenômeno do racismo na sociedade enquanto condicionante social que exime a responsabilidade individual, sendo portanto uma abordagem distante da preconização conceitual racial-estruturante em dimensão da ação individual e coletiva da operacionalidade do fenômeno do racismo. Para Silvio



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

Almeida, essa abordagem eximista é totalmente incoerente e obliteradora da perspectiva conceitual do racismo estrutural, conforme o autor:

[...] pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas. Pelo contrário: entender que o racismo é estrutural, e não um ato isolado de um indivíduo ou de um grupo, nos torna ainda mais responsáveis pelo combate ao racismo e aos racistas (ALMEIDA, 2019, p. 34).

Por esse entendimento é consistente afirmar que o caráter propedêutico e vago consolidado na trilha de aprendizagem dificulta a possibilidade de estabelecer uma experiência formativa e autoavaliativa de maneira crítica.

Na “TRILHA 10”, onde a temática explorada é “Mobilidade e estratificação social”, a superficialidade prossegue, embora ressalte a necessidade da construção da consciência crítica dos (as) estudantes. Nessa trilha é observável a forma equivocada e simplória como é pensado os sistemas abertos e fechados de estratificação sociológica. É designado ao sistema aberto de estratificação sociológica a obtenção do *status* por dois sentidos: mérito e esforço. No entanto, não há uma problematização relevante no tocante a noção de meritocracia. Nota-se, que no prólogo desta trilha, consta o questionamento direcionado aos estudantes: “Você sabe o que é significa a palavra MERITOCRACIA?”. São os dois momentos únicos que mérito e meritocracia são mencionados na trilha, sem haver um aprofundamento conceitual em relação ao sentido atribuído e seus possíveis desdobramentos em problematidade sociológica acerca da meritocracia. Nesse sentido, a perspectiva atribuída na abordagem da meritocracia é de expectativa semântica/etimológica sem designação conceitual de sistematização sociológica.

Ao abordar a perspectiva da escravidão na “TRILHA 10”, torna-se demasiada a evidência da consolidação fragmentativa do Caderno de Apoio à Aprendizagem. O texto aponta que a escravidão foi um fenômeno amplamente comum no decurso histórico. Destaca as “Américas” como maior modelo de escravização de pessoas negras. Mas o que seria esse “fenômeno bastante comum”? Não tem implicações ideológicas justificadas por concepção evolucionista e de subjugação racial que legitimaram os processos coloniais de dominação e a reverberação da colonialidade?



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

A fragmentação é ainda mais drástica quando na “TRILHA 10” tenta-se trabalhar o sentido da institucionalidade jurídica que versa sobre a ilegalidade do regime escravocrata, fica evidente que abordagem proposta da escravidão foi pensada em termo generalizador, sem conceber uma narrativa crítica quanto as particularidades dos sentidos de escravidão ou sobre sua concepção moderna. É afirmado que a escravidão continua a existir e, de acordo com o a abordagem deste Caderno de Apoio à Aprendizagem, haveria, em sentido global, 400 milhões de pessoas nessa situação. São afirmações vagas que demonstram que o Caderno de Apoio exige o que não contém: consistência crítica.

Segundo Albuquerque & Fraga (2006), o sentido de escravidão no continente africano consistia primordialmente num processo de manutenção da dinâmica agrícola de sustentação de um determinado núcleo familiar. Portanto, o objetivo desta dinâmica de escravidão, era de finalidade doméstica e também de continuidade do núcleo familiar, tinha por predileção mulheres (para ampliação do núcleo familiar) e as crianças, por apresentarem melhores condições de assimilação da dinâmica sociocultural do novo arranjo familiar. Ainda, conforme nos apresenta a autora e o autor, nesta dinâmica escravocrata doméstica havia um processo de transição de extinção da condição de escravização e inserção paulatina em determinado núcleo familiar, ou seja, a condição de escravizado não era fixa ou delimitada na perspectiva de racialização euro-ocidental:

[...] Não por acaso, neste tipo de cativeiro se preferia mulheres e crianças. A fertilidade das mulheres garantia a ampliação do grupo. Daí que era legítimo as escravas se tornarem concubinas e terem filhos com os seus senhores. Seguindo a mesma lógica, a incorporação dos escravos na família se dava de modo gradativo: os filhos de cativos, quando nascidos na casa do senhor, não podiam ser vendidos e seus descendentes iam, de geração em geração, perdendo a condição servil e sendo assimilados à linhagem (ALBUQUERQUE; FRAGA, 2006, p. 14).

Portanto, existe um sentido polissêmico da perspectiva de escravidão que a abordagem generalizadora na “TILHA 10” oculta e fragmenta reforçando uma compreensão incoerente que coaduna com a obliteração discursiva de que o modelo de escravidão africana conflui com a dimensão de objetificação e inferiorização da



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

população negra africana submetida ao protocolo racial-escravocrata euro-ocidental legitimado no fenômeno da diáspora negro-africana compelida. O Tráfico transaariano e o tráfico transatlântico de pessoas negras que consolidou o contingente demasiado das diásporas negras em dispersão forçada de escravização exige outros elementos de reflexão que não são sustentáveis pela concepção generalista de escravidão presente na trilha.

Ao abordar o sistema de racismo aberto do *Apartheid* na África do Sul, a supracitada trilha formativa se desvencilha de problematizar a realidade tão complexa das relações raciais no Brasil ou na própria América Latina. O “racismo por denegação” que González (1988) define como característico da realidade brasileira e da América Latina, tem por finalidade suprimir em ocultação as tensões e violações do racismo, apontando uma condição harmônica-negacionista do caráter tonal multiforme com que o racismo sistêmico se apresenta na realidade brasileira.

A esse “esquecimento” confluem com a perspectiva da “neurose cultural brasileira”, enquanto estratégia de ocultamento, trabalhada por Lélia Gonzalez. Segundo Gonzalez (1984), existe um processo dialético entre consciência e memória. A consciência, segundo a autora, pode ser entendida enquanto espaço de obliteração e reprodução ideológica de uma discursividade hegemônica eurocentalizada que reverbera as concepções raciais que tendem à inferiorização total das pessoas negras. Por esse sentido é evidenciada a neurose cultural brasileira que, ao ocultar, violenta subjetividades, concepções simbólicas e a própria corporeidade das pessoas negras.

O que é premente a essa perspectiva de reprodução da consciência hegemônica é o estilhaçamento do protagonismo e identidade negra. Já a memória, conforme Gonzalez (1984), é o espaço de premência da verdade, de consolidação da narrativa do percurso histórico-cultural do protagonismo negro ocultado e rejeitado. Portanto, a memória é uma ambientação discursiva de afirmação positiva da identidade negra na América Latina, sobretudo da realidade brasileira. Nesse sentido, é fulcral propiciar a imersão formativa da problemática contextual, pensar o fenômeno racial da América Latina,



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

sobretudo a insidiosidade racial brasileira e propor um deslocamento epistêmico do eixo de subordinação erigido pela colonialidade e sua dimensão de obliteração racial.

Um outro destaque da “Trilha 10” é a perspectiva da interseccionalidade, pensada somente como mecanismo que possibilita inter-relacionar os marcadores sociais da diferença. Justifico a problematização desse aspecto por confluência com a intelectual negra Carla Akotirene.

Conforme Akotirene (2019), a interseccionalidade é uma ferramenta que tem por direcionamento a análise crítica do eixo de subordinação erigido pela perene ligação do racismo, cisheteropatriarcado e do capitalismo. Segundo a autora, é necessário compreender os elementos constitutivos da interseccionalidade (racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo) como mecanismos norteadores do campo da subjetividade e da experiência de mulheres negras nos processos de colonização e colonialidade. Nesse sentido, a perspectiva de interseccionalidade trabalhada na “TRILHA 10”, não evidencia a localidade epistêmica situada no protagonismo intelectual do feminismo negro e nem coloca em evidência a identidade política de mulheres negras em relação a perspectiva da interseccionalidade. A ausência de localidade epistêmica negra do conceito da interseccionalidade torna-se um direcionamento obliterado que situa as mulheres negras na penumbra da intelectualidade. Em conformidade com a autora:

[...] Para nós, mantermos o feminismo negro é dizer que a interseccionalidade denota riqueza epistêmica, que desta vez não será tirada da diáspora africana. O feminismo negro substituído por feminismo interseccional equivale a explorar a riqueza intelectual de África e chamar isso de modernidade. Acredito, por identidade política, que devemos mencionar a interseccionalidade como sugestão das feministas negras e não dizer feminismo interseccional, uma vez que este escamoteia o termo negro, bem como o fato de terem sido as feministas negras proponentes da interseccionalidade enquanto metodologia, visando combater multideterminadas discriminações, pautadas inicialmente no binômio raça-gênero. Estou certa do neoliberalismo usufruir do conceito de interseccionalidade, em virtude de ele ter sido cunhado no campo do Direito e este campo ser manuseado pelo brancocentrismo, punitivismo e criminalização de pessoas negras. Então prefere o feminismo interseccional, querendo usar a seletividade racial do Direito, disposta a fazer uso do conceito, porém não do conteúdo, anterior ao período em que o conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw, em 1989 (AKOTIRENE, 2019, p. 31).



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

Segundo Bernardino-Costa & Grosfoguel (2016), o lugar epistêmico implica na condição para a consolidação da decolonialidade. Nesse sentido, os autores afirmam que são as vozes invisibilizadas dos sujeitos que devem erigir a dimensão “pluri-versalista” de norteamento epistêmico antagônica aos aspectos de subordinações que incidem em suas realidades, e assim, desvencilham-se da universalidade eurocentral que fragmenta as abordagens educacionais ocultando ou tangenciando periféricamente as centralidades discursivas das elaborações conceituais e analíticas que se propõe ao enfrentamento da colonialidade. Conforme os autores, os deslocamentos epistêmicos, na perspectiva de produção do conhecimento e imersão das experiências, são recursos inter-relacionais de enfrentamento contra as circunstâncias de subalternidades dos sujeitos na América Latina, segundo os autores:

O Brasil, em decorrência dos projetos de ações afirmativas em curso nas universidades públicas do país desde o início desse milênio, depara-se com a possibilidade de incorporar a experiência negra e indígena não apenas na formulação de conhecimento, mas também na busca de soluções para os problemas que enfrentamos. A partir deste locus epistêmico, podemos construir um pensamento decolonial em âmbito nacional, assim como podemos construir um diálogo intercultural com outros sujeitos que vivenciam processos de subordinação no sul global (BERNARDINO-COSTA; GROSFUGUEL, 2016, p. 22).

Portanto, abordar o conceito da interseccionalidade exige uma complexificação de seu pertencimento negro, ou seja: situar a abordagem conceitual negra é desenvolver e propiciar uma experiência formativa, no Caderno de Apoio à Aprendizagem e, possivelmente nas interações síncronas em ambiente virtual, inclinada a uma perspectiva pedagógica de justiça epistêmica em égide da comunidade negra e sua contribuição intelectual.

Na “TRILHA 11”, que tem por temática “Desigualdade social no Brasil”, constam algumas abordagens fragmentadas e de concepção conteudista, sem lastro de fundamentação teórica satisfatória em relação ao que é proposto. Ao enumerar as cinco causas da desigualdade econômica, a trilha situa as “Heranças coloniais” sendo a primeira motivação da desigualdade econômica, no entanto, não exemplifica e não reflete sobre o que são tais heranças coloniais. O que é enfatizado aqui é o conteúdo



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

preponderante do fator econômico. O caráter de sobreposição econômica não permite complexificar as interações antagônicas do eixo de dominação colonial. Podemos nos certificar disso através da compreensão da centralidade da noção de raça nos processos de expansão colonial. Para Anibal Quijano, a articulação entre raça e trabalho explicita os arranjos coloniais de dominação e de legitimidade classificativa das relações sociais racializadas na consolidação da expansão colonial, segundo o autor:

No curso da expansão mundial da dominação colonial por parte da mesma raça dominante –os brancos (ou do século XVIII em diante, os europeus) – foi imposto o mesmo critério de classificação social a toda a população mundial em escala global. Conseqüentemente, novas identidades históricas e sociais foram produzidas: amarelos e azeitonados (ou oliváceos) somaram-se a brancos, índios, negros e mestiços. Essa distribuição racista de novas identidades sociais foi combinada, tal como havia sido tão exitosamente logrado na América, com uma distribuição racista do trabalho e das formas de exploração do capitalismo colonial. Isso se expressou, sobretudo, numa quase exclusiva associação da branquitude social com o salário e logicamente com os postos de mando da administração colonial. Assim, cada forma de controle do trabalho esteve articulada com uma raça particular. Conseqüentemente, o controle de uma forma específica de trabalho podia ser ao mesmo tempo um controle de um grupo específico de gente dominada (QUIJANO, 2005, p. 119).

Portanto, conforme situado por Quijano (2005), existe uma complexificação nas relações sociais de dominação colonial, nela a ideia de raça é fulcral, na justificativa de classificação e subalternização dos sujeitos. Dessa forma, se o supracitado Caderno de Apoio à aprendizagem, tem como dispositivo conceitual-analítico o racismo estrutural (mesmo que de maneira mencionativa e superficial), seria necessário o aprofundamento quanto o caráter insidioso do racismo na perspectiva brasileira/latino-americana das relações sociais, porém essa interface reflexiva de contextualidade não consta na problemática da trilha de aprendizagem.

A segregação racial, como sugerida na “TRILHA 11”, no sentido de possível geradora da desigualdade econômica, é uma abordagem equivocada se quisermos compreender a dimensão complexa do racismo na realidade brasileira. De acordo com Gonzales (1988), o aspecto de racialização dos sujeitos latino-americanos corresponde a um processo denso de alienação orientado por uma confluência ideológica entre as teorias da democracia racial, da miscigenação e da assimilação. Para a autora, essa tríade



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

ideológico-racial representa a estratégica de opressão e exploração colonial vigente na América Latina enquanto modelo demasiado eficaz das ocorrências discriminatórias e dos processos de alienação. Nesse sentido, o entendimento da perspectiva de segregação racial, necessita da compreensão de duas perspectivas da dinâmica das relações raciais que, na concepção da autora, são elas: o racismo aberto e o racismo por denegação. Portanto, a inter-relação entre segregação racial e desigualdade econômica afirmada na trilha de aprendizagem, além de comprometida pela insuficiência conceitual, corrobora para o distanciamento entre os sujeitos e a contextualidade sócio-histórica de produção ideológica das violações raciais que reverberam nas dinâmicas sociais em que estão inseridos, ou seja, a realidade brasileira e latino-americana.

Por fim, um outro ponto insustentável dessa trilha é novamente a abordagem do racismo estrutural. No “Texto 5 – Cotas raciais” a política de ação afirmativa das cotas raciais é entendida enquanto ação que visa acabar com o racismo estrutural. Não é abordado, no entanto, em que circunstância o racismo estrutural manifesta-se em âmbito social, na situação de classe, na instância educacional ou no propiciar da invisibilidade intelectual negra. A narrativa mais uma vez é fragmentada, sem encaminhamento da criticidade.

Portanto, o que consta no Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia, objeto da presente análise, não é uma abordagem minimamente coerente em perspectiva contextual. E, nesse sentido, situa-se na condição de recurso pedagógico de não confluência com os direcionamentos da experiência formativa da Residência Pedagógica no subprojeto de Sociologia. Contemplando essa constatação e afirmação analítica, na camada textual seguinte, abordarei os deslocamentos decoloniais do fazer docente desenvolvidos no *locus* virtual das aulas supervisionadas no Colégio Estadual Thales de Azevedo.

Deslocamento da invisibilidade discursiva: a prática docente em meandros da perspectiva decolonial



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

O processo formativo da prática docente em camada virtual da aprendizagem, em turmas de 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Thales de Azevedo, propiciou o desenvolvimento das experiências de confluência com a perspectiva do subprojeto de Sociologia. Observada a carência da abordagem decolonial no recurso pedagógico do Caderno de Apoio à Aprendizagem, suas limitações e tangenciamentos temáticos que pontuam seu conteúdo fragmentado, o direcionamento da experiência formativa da prática docente foi conduzido abordando os eixos temáticos propostos pelo Caderno de Apoio, no entanto, para esse norteamento foi adotada uma perspectiva reflexiva que possibilitasse a inserção de elementos formativos de deslocamento da invisibilidade narrativa decorrente dos processos da colonialidade imersos no âmbito da aprendizagem.

Nesse sentido, pensando o campo das invisibilidades narrativas, foi possível trabalhar com música, fragmentos literários e o protagonismo negro que possibilitassem uma dimensão preambular para uma perspectiva formativa decolonial.

A fragmentação da perspectiva da interseccionalidade foi contemplada na experiência formativa ao apresentar para os estudantes o protagonismo intelectual negro da autora baiana Carla Akotirene, no seu livro *Interseccionalidade*. A proposta aqui foi demonstrar como o feminismo negro e a intelectualidade da mulher negra baiana, a partir de uma perspectiva decolonial, não foi observado na elaboração do Caderno de Apoio à Aprendizagem construído pela própria Secretaria da Educação do Estado da Bahia.

Ao campo da musicalidade pensado enquanto perspectiva formativa, que ajudasse na compreensão da interseccionalidade, foi possível trabalhar com a música da cantora Bia Ferreira *Cotas Não é Esmola* (2017) onde é explorado o eixo de subordinação vivenciado por mulheres negras no percurso do cenário educacional reprodutor da colonialidade, que não conduz uma abordagem satisfatória em relação às cotas raciais, a meritocracia, a obliteração da cultura afro-brasileira no cenário escolar. E, sobretudo, a abordagem da música em relação aos embargos raciais e socioeconômicos do cotidiano



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

educacional de mulheres negras que dificultam a inserção dessas mulheres no âmbito formativo acadêmico.

Com essa reflexão foi possível a compreensão do eixo de subordinação erigido pelo racismo, capitalismo e o cisheteropatriarcado, em perspectiva analítica situada no recurso conceitual e analítico-intelectual da interseccionalidade protagonizado por mulheres negras, sobretudo contemplando em visibilidade à produção intelectual de Carla Akotirene, mulher negra e baiana.

Nessa confluência formativa da perspectiva musical, na tentativa de viabilizar uma outra narrativa acerca dos desdobramentos do pós-abolição e da inserção das pessoas negras na sociedade de classes, foi utilizada a música *14 de maio* do cantor Lazzo Matumbi (2019). O objetivo foi refletir quanto ao cenário nefando de violações raciais que a população negra esteve submetida, seja no âmbito cultural, social ou econômico em decorrência da égide ideológica do embranquecimento na sociedade brasileira.

Com o deslocamento da narrativa do pós-abolição, protagonizada por um cantor baiano negro, situando em contextualidade negra a insidiosidade dos embargos raciais, os processos de invisibilidade, favelização e inferiorização das pessoas negra, foi possível que o sentido de luta e resistência da população negra também fosse enfatizado. Nesse sentido, a musicalidade negra correspondeu a perspectiva dialética entre consciência e memória definida por Gonzales (1984). De acordo com a autora, a memória é um espaço discursivo que situa a presença da verdade para realização da reparação histórica daquilo que o discurso dominante obliterado ocultou (consciência) acerca do protagonismo negro. Portanto, com o deslocamento discursivo de ênfase musical negra, desenvolvemos uma abordagem antagônica à perspectiva da colonialidade situada em centralidade racial.

Ao pensar o processo de favelização, buscando evidenciar a perspectiva racial do fenômeno, foi trabalhado fragmentos literários da autora Carolina Maria de Jesus referente a sua obra *Quarto de Despejo*. A proposta foi propiciar outros caminhos discursivos em relação aos aspectos da pobreza, da fome e da perspectiva socioespacial



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

delimitada pelo racismo no cotidiano de pessoas negras. E nesse sentido, desenvolvendo uma perspectiva de narrativa visceral do sujeito subalternizado pela perenidade da colonialidade. Com essa perspectiva, propomos uma imersão contextual audiovisual a partir do Mini Doc *Como a pandemia de Covid afetou as favelas em São Paulo* (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020). Em abordagem inter-relacional, buscamos dialogar com a perspectiva dos fragmentos literário apresentados da obra *Quarto de Despejo* e a experiência pandêmica vivenciada por pessoas negra na favela, evidenciando as condições de extrema precariedade do que seria um quarto de despejo na narrativa invisibilizada de Carolina Maria de Jesus.

Ao buscar trabalhar o deslocamento da invisibilidade narrativa, como proposta da terceira unidade letiva, no decurso de um mês, em um encontro por semana, em aulas supervisionadas com duração aproximada de 50 minutos, em cenário virtual síncrono, foi possível tecer alternativas para desenvolvimento de uma perspectiva do fazer docente decolonial oposta a obviedade do vazio permeada pela colonialidade discursiva que, na presente análise, foi constatada na abordagem elaborativa e discursiva do supracitado Caderno de Apoio à Aprendizagem de Sociologia de centralidade analítica deste artigo.

A obviedade do vazio que sistemicamente é mencionada no presente artigo é confluyente com o que o autor Quijano (2005) anuncia em relação a dimensão do conhecimento. Segundo o autor, a colonialidade é produtora do sentido deturpado e parcial do conhecimento que oblitera a perspectiva histórica da América Latina. A dimensão parcial explicitada pelo autor é justamente a de negação, ocultação em relação às vozes e protagonismos intelectual dos sujeitos latino-americanos em narrativas de sua própria dimensão histórica, cultural e social antagônica a perspectiva eurocentral de produção do conhecimento e da sistematização classificativa do paradigma societal de consolidação da subalternidade.

Considerações finais



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

O processo formativo decolonial na Residência Pedagógica possibilitou a identificação das invisibilidades discursivas, ao analisar o Caderno de Apoio mencionado, a partir da experiência do fazer docente no Colégio Estadual Thales de Azevedo. Na presente abordagem, portanto, afirmo que essas invisibilidades provêm da viabilidade eurocentral de produção do conhecimento protocolada pela colonialidade em sua dimensão de formulação do conhecimento e homologação da unicidade (parcialidades, tangenciamentos, fragmentações enunciativas obliteradas).

O lastro de referencialidade de norteamento da perspectiva formativa em interação virtual da aprendizagem, consolidada na experiência formativa no Colégio Estadual Thales de Azevedo, a partir do subprojeto de Sociologia – Formação Docente, Interculturalidade e Perspectiva Decolonial, propiciou o movimento de deslocamento epistêmico, aguçando o conhecimento das narrativas invisibilizadas em detrimento dos elementos identificados de embargos da colonialidade nas sendas do fazer docente. O reflexo dessa perspectiva foi o despertar da criticidade nos direcionamentos analíticos expresso no suscitar da inquietude e provocações argumentativas dos estudantes em cenários virtuais das experiências formativas síncronas. E nesse sentido, alcançamos preambularmente, o possível ruminar da decolonialidade, sobre o que é ocultado ou fragmentado no âmbito educacional e não proporciona contextualidade sociocultural com a realidade desses estudantes.

Portanto, nas camadas analíticas do presente artigo, ao inter-relacionar a perspectiva formativa do subprojeto de Sociologia – Formação Docente, Interculturalidade e Perspectiva Decolonial, com a experiência da prática docente no cenário virtual da aprendizagem, foi possível compreender os embargos da colonialidade no manual de aprendizagem, oportunizando também a imersão crítica e amplamente criativa para possíveis caminhos decoloniais de construção da identidade docente nos meandros instáveis do fazer docente em circunstancialidade pandêmica dos desafios formativos na Educação Básica.

Referências



O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais da prática docente em Residência Pedagógica

Bruno de Araujo Conceição

ALBURQUERQUE, Wlamyra.; FRAGA, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Palmares, 2006.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvo. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

BAHIA. Secretaria da Educação. **Cadernos de Apoio à Aprendizagem**: Sociologia 2ª Série. Unidade 3: Salvador, 2021.

BAHIA. Secretaria da Educação. **Portaria Nº 637/2021**. Dispõe sobre reorganização das atividades letivas nas escolas da Rede Públicas Estadual de Ensino da Bahia.

BIA FERREIRA. **Cota não é esmola** | sofar Curitiba. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (6 min). Publicado pelo canal Sofar Latin America, [Youtube](#), 2017.

BERNARDINO-COSTA, Joaze.; GROSGOQUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.31, n. 1, p. 15-24, 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FOLHA DE S. PAULO. **Como a pandemia de COVID afetou as favelas em São Paulo**. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Folha de S. Paulo. [Youtube](#), 2020.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, p. 69-82, 1988b.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

LAZZO MATUMBI. 14 DE MAIO. [S. l.: s. n.]. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Lazzo Matumbi. [Youtube](#), 2019.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago, GROSGOQUEL, Ramon (Orgs). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogota: Siglo del Hombre Editores, 2007.

MORAES, Amaury César. Desafios para a implementação do ensino de Sociologia na escola média brasileira. **Cadernos do NUPPs** - Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo, Ano 2, nº 1, 2010.



**O amearhar das circunstâncias formativas: a decolonialidade nos cenários virtuais
da prática docente em Residência Pedagógica**

Bruno de Araujo Conceição

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.